

textos para
discussão
gemmaa

A cor do ENEM-2012:
comparações entre o
desempenho de brancos,
pardos e pretos

Luiz Augusto Campos
Tiago Storni
João Feres Júnior

8 /

Expediente

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa

gema.iesp.uerj.br

gema@iesp.uerj.br

Coordenadores

João Feres Júnior

Luiz Augusto Campos

Pesquisadores Associados

Marcia Rangel Candido

Veronica Toste Daflon

Assistentes de pesquisa

Gabriella Moratelli

Thyago Simas

Leandro Guedes

Capa, layout e diagramação

Luiz Augusto Campos



ISBN 978-856726915-3



8 / textos para discussão gemaa

A cor do ENEM-2012: comparações entre o desempenho de brancos, pardos e pretos

Luiz Augusto Campos
Professor IESP-UERJ

Tiago Storni
Pesquisador IESP-UERJ

João Feres Júnior
Professor IESP-UERJ

Este texto discute as desigualdades raciais dentre os inscritos no ENEM de 2012. Em relação ao perfil socioeconômico, o texto traz dados gerais sobre os inscritos, suas desigualdades de classe, condições no ensino médio, educação dos pais etc. Observamos também a taxa de participação no exame de cada um dos grupos raciais, bem como o desempenho geral deles nas provas. Finalmente, relacionamos esses dados de desempenho com aqueles sobre a condição socioeconômica. O objetivo é evidenciar como as desigualdades de desempenho parecem aumentar quando comparamos brancos e não-brancos no topo da hierarquia social.

As desigualdades de acesso ao ensino superior têm um papel central na manutenção das desigualdades raciais no Brasil. Vários estudos indicam que a posse de um diploma de ensino superior aumenta as chances de ascensão social pretos e pardos, mitigando os efeitos de práticas discriminatórias no mercado de trabalho (Hasenbalg e Silva, 2003; Ribeiro, 2006; Soares, 2008; Petruccelli, 2004). Daí a importância das políticas de ação afirmativa racial, que buscam promover a ascensão de pretos e pardos aos postos mais competitivos da hierarquia educacional.

Porém, as ações afirmativas raciais não são as únicas políticas adotadas com o intuito de democratizar o acesso ao ensino superior brasileiro. O rol de iniciativas com tal finalidade abrange desde políticas para o financiamento estudantil privado como o Prouni, que prioriza pretos e pardos, até medidas de expansão do ensino superior público como o Reuni, que também incentiva a interiorização dos campi e a criação de cursos noturnos, por exemplo.

Poucas iniciativas têm, contudo, o alcance das modificações no sistema de acesso ao ensino superior que se deram a partir da reformulação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Desde 2009, o Enem deixou de ser empregado somente para avaliar a qualidade da educação média no país e passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para as instituições de ensino superior. Além de uniformizar os métodos de seleção existentes, o ENEM possibilita ao aluno utilizar sua nota no exame para pleitear cargos em diferentes instituições de ensino superior, públicas e privadas. Tais modificações, por seu turno, possibilitaram a criação do Sistema de Seleção Unificada (SISU), sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).¹

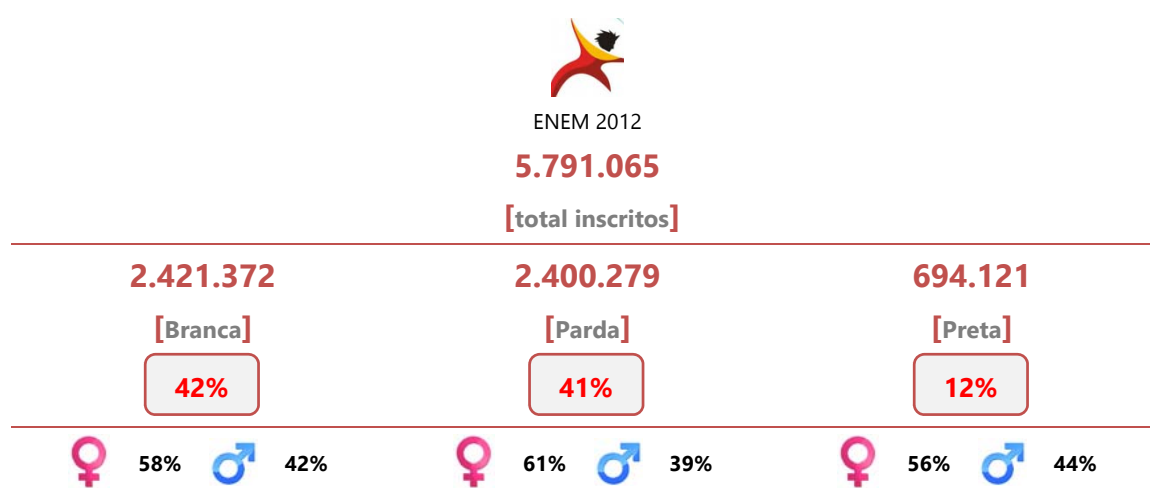
O objetivo do oitavo *Texto para Discussão GEMAA* é entender em que medida e de que maneira as desigualdades raciais se relacionam ao desempenho dos candidatos ao ENEM. Para tal, analisamos os microdados do exame de 2012, que contém os resultados das provas e as condições socioeconômicas dos inscritos por categoria de identificação de cor/raça. Utilizamos os dados do ENEM de 2012 porque eles já estão consolidados e disponibilizados no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão do Ministério da Educação (MEC). O que se segue está dividido em quatro blocos de análise: 1) visão geral e perfil socioeconômico dos inscritos; 2) taxas de participação dos jovens no exame; 3) desempenho do ensino médio e 4) desempenho no Enem.

¹ Duas vezes por ano, o SISU oferta as vagas das instituições que aderiram a ele, sempre no início de cada semestre letivo. Nesses períodos, os alunos que realizaram o ENEM se inscrevem no sítio virtual do SISU e lá escolhem duas opções de curso nos quais desejam ingressar. Vale notar que os inscritos no SISU podem escolher qualquer curso em qualquer uma das instituições cadastradas em todo território nacional. Ao inscrever-se no SISU o candidato tem também a opção de se candidatar utilizando uma das modalidades de ação afirmativa supracitadas¹, ainda que nem todas as vagas disponíveis nas IFES por meio do sistema de cotas estabelecido pela lei sejam preenchidas através do SISU. Para mais informações *Textos para Discussão GEMAA* no. 4, “O Desempenho dos Cotistas no ENEM: comparando as notas de corte do SISU”, http://gema.iesp.uerj.br/images/publicacoes/TpD/TpD4_Gema.pdf.

Visão Geral e perfil socioeconômico

Em 2012, o ENEM contou 5,8 milhões de inscrições, dos quais 59% eram mulheres e 41% homens. Como indica o Quadro 1, 42% dos inscritos se identificaram como brancos, 41% como pardos e 12% como pretos. Vale notar que esses percentuais praticamente não oscilaram nas edições anteriores de 2009, 2010 e 2012.

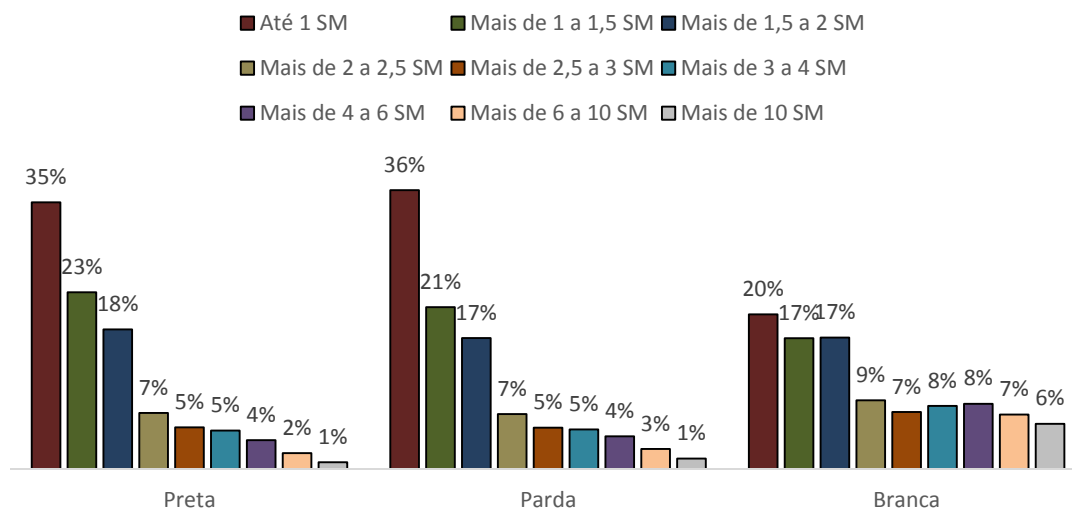
Quadro 1: Cor e sexo dos inscritos no ENEM



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

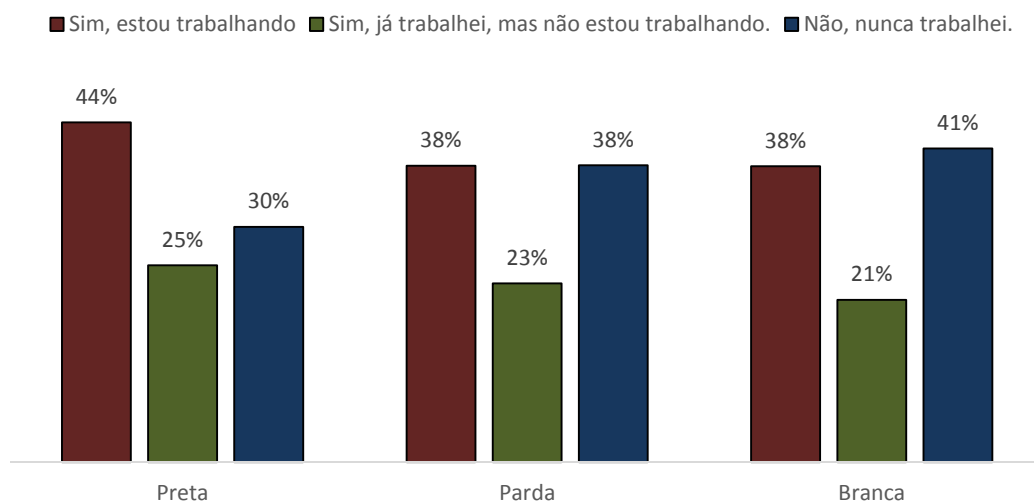
Os inscritos se distribuem por várias idades, sendo que as categorias modais (idades mais frequentes) estão entre 17 e 19 anos. Na classificação por cor/raça, destacam-se médias etárias superiores para as cores preta e parda. Esse dado sugere que os candidatos não-brancos chegam às portas do ensino superior mais velhos do que seus concorrentes brancos, o que pode ser consequência tanto da necessidade precoce de entrarem no mercado de trabalho quanto a problemas de toda ordem na progressão dos ensinos fundamental e médio, inclusive discriminação. Além de possuírem uma renda familiar mais baixa, uma proporção maior de pretos e pardos declarou trabalhar ou já ter trabalhado no momento da inscrição. Ademais, a situação de pretos e pardos quanto ao trabalho e à renda é bem próxima entre si e distante da situação socioeconômica dos autodeclarados brancos.

Gráfico 1: Renda mensal familiar segundo a cor do inscrito



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Gráfico 2: Exercício de atividade remunerada segundo a cor do inscrito

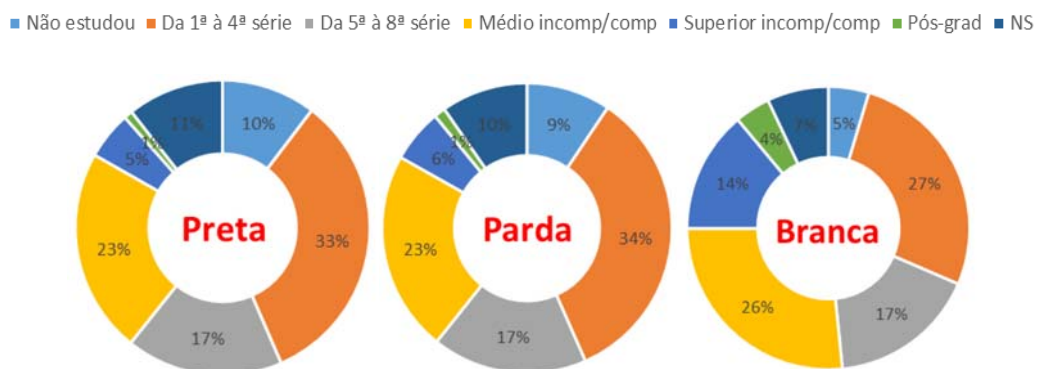


Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Como alguns estudos indicam ser grande o peso da escolaridade dos pais no desempenho escolar e profissional das pessoas (Reis e Ramos, 2011), observamos a distribuição dessa variável de acordo com os grupos raciais. Quanto à escolaridade do pai, é significativo a diferença na proporção daqueles que não estudaram ou estudaram somente o básico entre pretos e pardos. Enquanto 43% dos pais de pretos e pardos não estudaram ou estudaram somente até a 4ª série, esse percentual é de 32% entre brancos. Outra grande diferença é que 19% dos pais de brancos têm ensino superior ou pós-graduação, enquanto esse percentual é

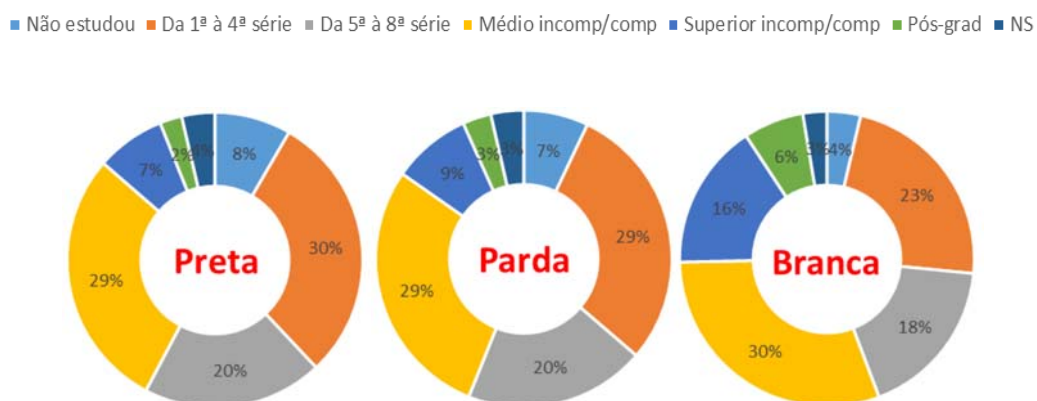
somente de 6% para pretos e pardos. Com algumas nuances, o padrão se repete quando observamos a escolaridade da mãe, como mostram os gráficos abaixo.

Gráfico 3: Escolaridade do pai segundo a cor do inscrito



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Gráfico 4: Escolaridade da mãe segundo a cor do inscrito



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Participação

Para estimar para a participação dos jovens no ENEM em cada unidade da federação, comparamos o número de inscritos em 2012 com a população encontrada em cada estado no Censo 2010. Para fazer essa comparação, separamos apenas a quantidade de candidatos ao exame nas idades modais de 17 a 19 anos de idade e comparamos com a população de 15 a 17 anos em 2010. Apesar da defasagem não ser exatamente de dois anos (o censo foi tomado no segundo

semestre de 2010 e a inscrição do Enem foi em 2012), ela pode ser tomada como referência.

Surpreende o fato de as maiores taxas de participação serem aquelas da população que se autodeclara preta: no total, 29% dos pretos do coorte que possuía entre 14 e 17 anos em 2010 fez o ENEM em 2012, contra 24% dos brancos e 17% dos pardos. Somente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro a taxa de participação estimada dos pretos é inferior à taxa de participação dos brancos. Não é possível excluir que isso ocorra graças ao número pequeno de pessoas que se autodeclararam pretas no Brasil. Porém, é possível que isso seja um dos impactos das políticas de ação afirmativa racial, que estariam atraindo, em termos relativos, mais pretos para o ENEM do que brancos e pardos. Contra essa hipótese pesa, contudo, o fato de o Rio de Janeiro, primeiro estado a adotar cotas raciais, ser um dos poucos com a taxa de participação de pretos (18%) menor que a de brancos (20%). É também notável o fato de, a despeito dos perfis socioeconômicos similares de pretos e pardos, os pretos acessarem o ENEM muito mais que os pardos, consistentemente, em todos os estados da união.

Tabela 1: Taxa estimada de participação dos grupos de cor no ENEM por estado

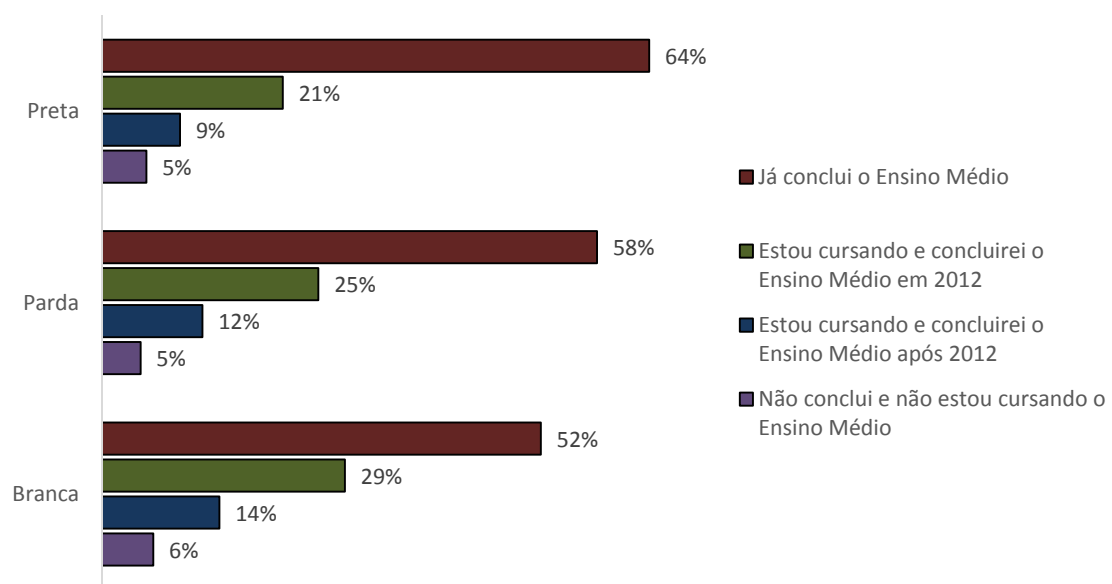
	Enem2012 - 17 a 19anos			Censo 2010 - 15 a 17 anos			Participação*		
	Brancos	Pardos	Pretos	Brancos	Pardos	Pretos	Brancos	Pardos	Pretos
Brasil	1.050.846	876.772	221.028	4.390.760	5.045.778	764.245	23,9%	17,4%	28,9%
AC	2.712	8.343	967	10.836	32.446	2.655	25,0%	25,7%	36,4%
AL	9.015	16.463	2.958	57.197	122.521	12.134	15,8%	13,4%	24,4%
AM	8.645	26.928	2.034	45.249	160.341	8.427	19,1%	16,8%	24,1%
AP	2.183	5.749	1.069	10.655	29.949	3.791	20,5%	19,2%	28,2%
BA	25.822	66.750	31.196	161.573	510.343	135.680	16,0%	13,1%	23,0%
CE	39.112	90.367	9.351	153.910	342.015	21.502	25,4%	26,4%	43,5%
DF	12.384	15.767	4.147	48.396	70.682	10.125	25,6%	22,3%	41,0%
ES	21.395	20.953	5.032	66.794	99.356	14.792	32,0%	21,1%	34,0%
GO	26.456	33.347	6.998	120.227	176.429	19.549	22,0%	18,9%	35,8%
MA	18.207	42.307	10.249	86.236	287.995	36.129	21,1%	14,7%	28,4%
MG	116.059	102.918	31.421	413.469	522.244	93.794	28,1%	19,7%	33,5%
MS	18.661	14.758	2.616	60.183	65.801	6.132	31,0%	22,4%	42,7%
MT	16.311	19.895	5.832	60.285	97.557	12.116	27,1%	20,4%	48,1%
PA	15.624	52.001	7.918	98.359	347.709	31.600	15,9%	15,0%	25,1%
PB	17.124	23.441	3.611	80.674	120.148	10.817	21,2%	19,5%	33,4%
PE	36.539	45.883	9.911	167.691	289.705	28.912	21,8%	15,8%	34,3%
PI	10.181	25.849	5.153	42.991	121.733	15.342	23,7%	21,2%	33,6%
PR	91.325	25.134	4.246	375.240	168.327	15.873	24,3%	14,9%	26,7%
RJ	86.674	54.799	23.303	318.279	348.261	99.476	27,2%	15,7%	23,4%
RN	20.455	17.169	3.331	72.023	102.001	8.532	28,4%	16,8%	39,0%
RO	7.378	11.479	2.181	31.374	56.400	5.849	23,5%	20,4%	37,3%
RR	1.310	3.357	350	5.604	18.515	1.474	23,4%	18,1%	23,7%
RS	103.777	11.083	6.657	421.828	72.519	33.402	24,6%	15,3%	19,9%
SC	48.973	5.734	1.514	263.636	50.247	9.986	18,6%	11,4%	15,2%
SE	4.616	15.782	3.954	32.178	80.434	10.596	14,3%	19,6%	37,3%
SP	285.977	110.488	32.709	1.166.946	695.270	108.328	24,5%	15,9%	30,2%
TO	3.931	10.028	2.320	18.927	56.830	7.232	20,8%	17,6%	32,1%

Fonte: os autores a partir de dados do ENEM e IBGE.

Ensino Médio

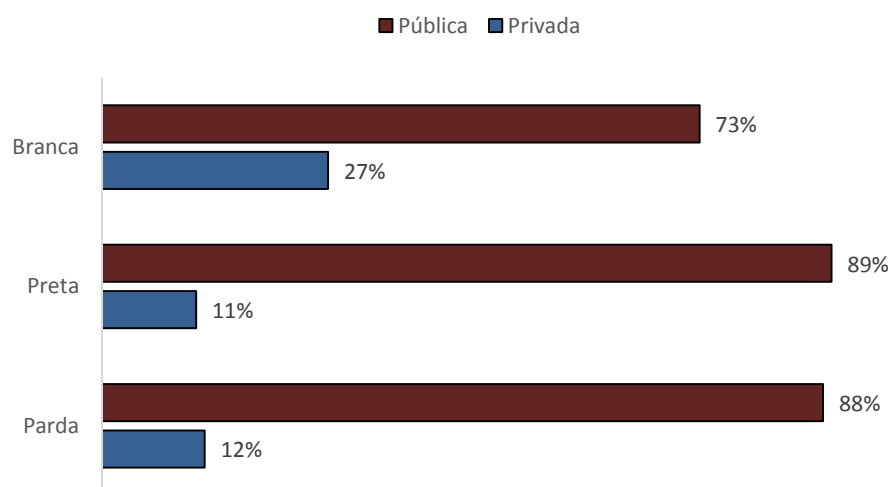
Quanto ao ensino médio, buscamos verificar a situação de conclusão do mesmo, o tipo de escola (pública ou privada) e ainda, entre aqueles que abandonaram o ensino regular, destacar o motivo para tal. A maioria dos candidatos já havia concluído o ensino médio, mas as taxas de conclusão são maiores nas categorias pretos e pardos do que entre brancos. Por outro lado, os brancos destacam-se pela maior inserção em escolas particulares, comparativamente.

Gráfico 5: Situação em relação ao ensino médio



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Gráfico 6: Tipo de escola em que cursou ensino médio



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Resultado das provas

Desde 2009, o ENEM tem provas objetivas em quatro áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Cada prova contém 45 questões de múltipla escolha. Há ainda uma redação que possui cinco competências associadas para fins de avaliação. Na tabela a seguir podemos notar que brancos possuíram maior média que pretos e pardos nos resultados de todas as provas e, novamente, as médias de pretos e pardos foram bastante próximas. maior distância entre brancos e não-brancos foi em matemática (5 pontos percentuais), seguida da redação (3,4 pontos percentuais) e ciências da natureza (3,3 pontos percentuais). Nas ciências humanas e linguagens as diferenças giraram em torno de 2,6 pontos percentuais.

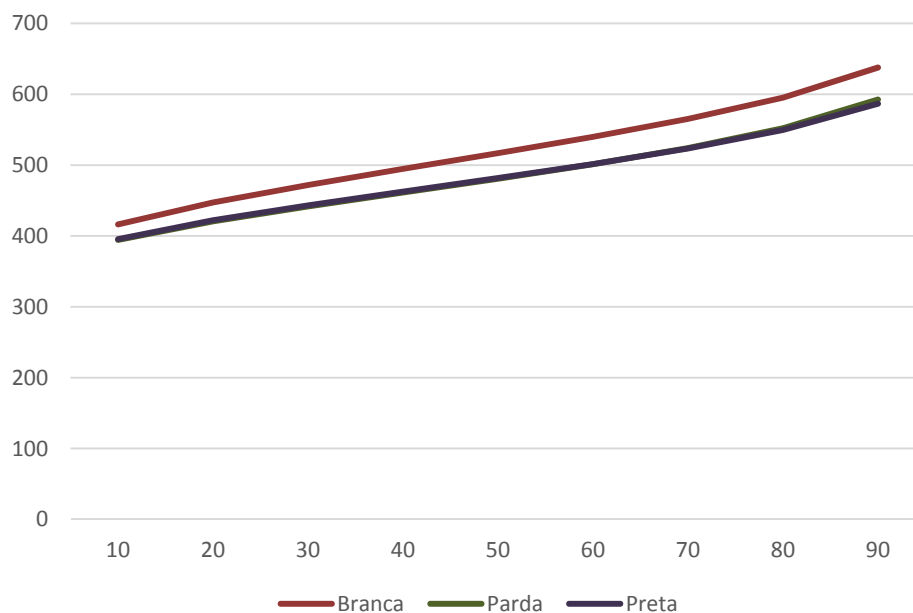
Tabela 2: Média das notas no ENEM por área disciplinar e cor do candidato

	Branco	Pardos	Pretos
Ciências da Natureza	488,9	458,1	457,2
Ciências Humanas	536,8	509,4	513
Linguagens e Códigos	508,5	481,7	483
Matemática	537,8	485,4	481,1
Redação	528,8	493,8	491
Média Simples	522,6	488,2	487,4

Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Vale notar que as distâncias entre as notas obtidas por brancos, pardos e pretos aumenta à medida que observamos os estratos mais competitivos do ENEM. O gráfico a seguir mostra a distribuição das medidas de cada um dos três grupos nos decis das notas. Nos últimos decil, a nota média de brancos e não-brancos é maior do que a nota média nos primeiros decis. É possível notar pelo gráfico também que, novamente, as notas de pretos e pardos têm uma distribuição quase idêntica, o que faz com que a linha referente aos dois grupos se sobreponha:

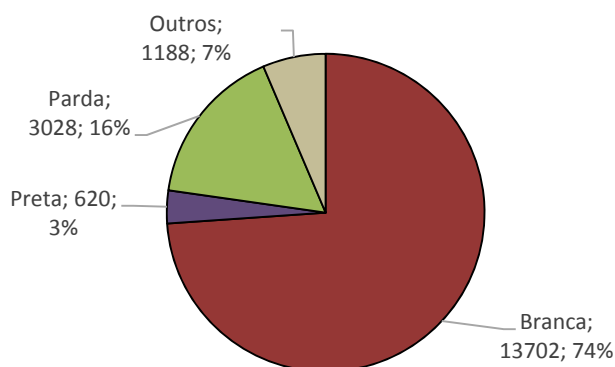
Gráfico 7: Média das notas no ENEM por decis da nota



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Isso reflete em grande medida a distribuição racial dos candidatos nas escolas públicas e privadas. Nas 200 escolas mais bem classificadas, por exemplo, há somente 3% de pretos e 16% de pardos.

Gráfico 8: Distribuição dos candidatos por cor nas 200 escolas mais bem classificadas no ENEM



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

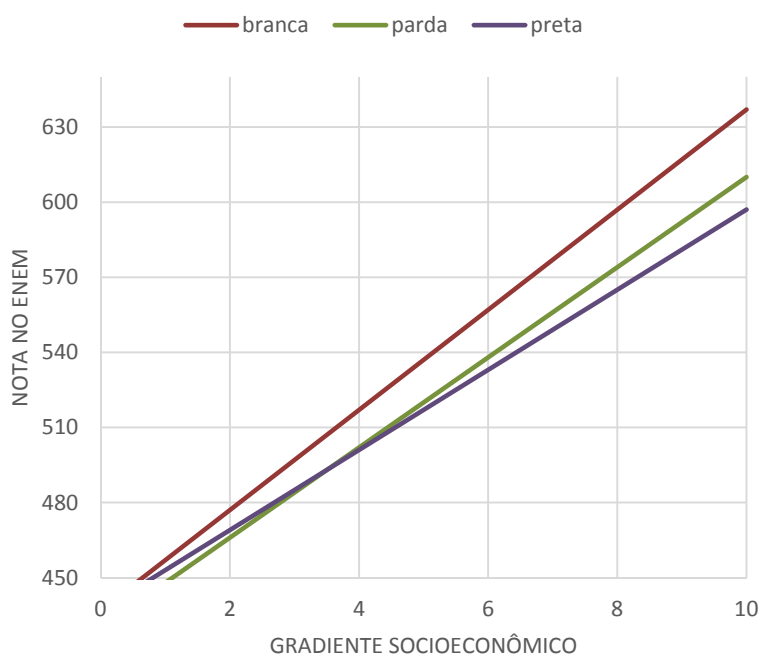
Esses dados sugerem que as desigualdades entre brancos, de um lado, e pretos e pardos, do outro, se mantêm mesmo dentre os grupos de alunos mais competitivos, provavelmente oriundos das classes mais altas. Para testar essa hipótese, e

inspirados no modelo produzido por José Francisco Soares e Maria Teresa Alves (Soares e Alves, 2003:53), construímos no Gráfico 9 uma matriz de correlação entre a nota obtida no ENEM por cada candidato e sua “posição social”. No gráfico, tomamos como variável dependente a média da nota do candidato, sendo condicionada por um gradiente socioeconômico construído a partir das variáveis de renda, educação dos pais, uso de internet e tipo de escola pública ou particular

Para construirmos a dimensão do gradiente socioeconômico utilizamos o método de análise de componentes principais para verificar o nível de correlação entre as quatro variáveis abordadas. Para um melhor controle, a idade foi filtrada, considerando somente para os candidatos de 17 a 19 anos. A análise mostra que as quatro variáveis podem ser agregadas em um mesmo fator (explicando 58% da variância) e com pesos distribuídos a partir dos índices da componente. Para obtermos o gradiente socioeconômico, então, somamos as variáveis consideradas após serem normalizadas (média igual a zero e desvio-padrão igual a um) e ponderadas pelo respectivo índice do componente principal ($z_{educ_pais} * 0,80 + z_{renda} * 0,84 + z_{internet} * 0,64 + z_{tipo_escola} * 0,76$). Depois de construído o gradiente, o mesmo é redimensionado para uma escala de zero a 10.

No gráfico, notamos uma situação bastante próxima entre aqueles de grau socioeconômico mais baixo, independente da cor. Porém, as notas de brancos se distanciam mais das notas dos não-brancos à medida que a condição socioeconômica melhora. Pretos e pardos ficam bastante próximos no gradiente que vai de 0 a 5, mas pardos se distanciam e se saem melhor no intervalo em que o gradiente varia de 5 a 10 valores.

Gráfico 9: Matriz de correlação entre a nota no ENEM e a posição socioeconômica dos candidatos de acordo com sua cor



Fonte: os autores a partir de dados do ENEM.

Ainda que o Gráfico 9 não permita conclusões mais taxativas, ele sugere que as desigualdades de desempenho entre os grupos de cor aumentam justamente à medida que a condição socioeconômica melhora. Em primeiro lugar, isso corrobora achados mais recentes sobre a estruturação das desigualdades raciais no Brasil, que indicam que a ascensão social dos não-brancos é mais prejudicada nas classes médias e altas do que nas classes baixas (Ribeiro, 2006). Em segundo lugar, isso mostra que políticas universalistas de redução das desigualdades de classe, incluindo aí a melhora geral do ensino público, não anulariam necessariamente as desigualdades de desempenho entre brancos, pardos e pretos.

Conclusão

Praticamente todas as análises discutidas até aqui apontam para um cenário comum de desigualdade racial, em que a condição social e o desempenho dos candidatos brancos se distancia daqueles dos candidatos pardos e pretos. Pardos e pretos possuem maior média etária, estão muito pouco representados entre as camadas de maior renda familiar, e seus pais possuem, comparativamente, uma escolaridade mais baixa.

Talvez o único dado que se destaque dessa estrutura de desigualdades seja o referente a maior participação relativa de pretos no ENEM do que de pardos e brancos. Como foi dito, esse dado deve ser lido com cautela, não apenas por que as classificações raciais no Brasil possuem certo grau de fluidez, mas também porque os pretos são um grupo numericamente bem menor do que os outros dois. Isso torna suas médias mais suscetíveis a fatores estatisticamente arbitrários. Por outro lado, a maior taxa de participação no ENEM dos pretos é relativamente regular nas diferentes regiões do país, o que parece corroborar a hipótese de que ela é um reflexo indireto das ações afirmativas em vigor no país.

Quanto às notas das provas, vale a pena destacar que pretos e pardos se diferenciam muito pouco entre si, e brancos apresentam médias significativamente mais elevadas. É nas provas de Matemática que encontramos as maiores desigualdades de desempenho entre brancos e não-brancos, seguidas pelas provas de Redação e Ciências da Natureza. Outro dado importante é que as desigualdades de desempenho entre esses dois grupos é maior quando observamos as maiores notas do que quando olhamos as menores.

Vale destacar que brancos têm proporção muito mais acentuada nas escolas que obtiveram melhores resultados. A relativa ausência de pretos e pardos nas melhores escolas preocupa no que toca a integração racial no topo dos quadros educacionais e profissionais. Essa análise aponta para a defesa de políticas que favoreçam a entrada de pretos e pardos vindos de famílias de mais baixa renda não somente no ensino universitário, como também no ensino médio e fundamental de qualidade.

Ademais, o fato de os desempenho de pretos e pardos ser mais baixo que aqueles dos brancos nas classes superiores também indica a desigualdade racial continua operando nas escolas privadas. Portanto, à inclusão dos pretos e pardos de escola pública no ensino superior deve ser somada cotas específicas para os não-brancos oriundos do ensino privado, reserva de vagas inexistente na Lei Federal 12.711/2012.

Grosso modo, os dados discutidos aqui reiteram que as desigualdades socioeconômicas entre brancos, pardos e pretos se traduzem na competição

desigual por vagas no ensino superior via ENEM. Mas, para além disso, eles indicam que tais desigualdades se tornam mais dramáticas na medida em que subimos na escala social. Em termos gerais, nosso estudo revela o caráter injusto da competição escolar em uma sociedade perpassada por desigualdades. Como a sociologia da educação aponta, no mínimo desde a obra seminal de Bourdieu e Passeron (2008), a introdução de setores subalternos da sociedade nas escolas mais competitivas costuma reproduzir ou reforçar desigualdades prévias, já que o desempenho escolar reflete mais a bagagem cultural extraescolar do aluno do que o conhecimento que ele adquire dentro da escola. Isso, contudo, não deve ser entendido como desincentivo, mas, pelo contrário, como reforço à importância de políticas que promovam a inclusão na universidade dos setores desprivilegiados, como pretos, pardos, alunos de baixa renda e oriundos de escola públicas. Se com elas o mundo não se torna perfeito, sem elas ele é ainda mais injusto e desigual.

Referências

- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. (2008), *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Vozes.
- HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle, eds. (2003). *Origens e destinos: desigualdades social ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- PETRUCELLI, José Luis. (2004), *Mapa da Cor no Ensino Superior Brasileiro*. Rio de Janeiro, Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira.
- REIS, Mauricio Cortez e RAMOS, Lauro. (2011), "Escolaridade dos pais, desempenho no mercado de trabalho e desigualdade de rendimentos". *Revista Brasileira de Economia*, vol. 65, pp. 177-205.
- RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. (2006), "Classe, raça e mobilidade social no Brasil". *Dados*, vol. 49, nº 4, pp. 833-873.
- SOARES, José Francisco e ALVES, Maria Teresa Gonzaga. (2003), "Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica". *Educação e Pesquisa*, vol. 29, nº 1, pp. 147-165.
- SOARES, Sergei. (2008), A trajetória da desigualdade: a evolução da renda relativa dos negros no Brasil, *in* Theodoro, Mário (orgs.), *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição*. Brasília, IPEA, pp.

Como citar

Campos, Luiz Augusto; Storni, Tiago; Feres Júnior, João. A cor do ENEM 2012: comparações entre o desempenho de brancos, pardos e pretos. *Textos para discussão GEMAA IESP-UERJ*, n. 8, 2014, pp. 1-16.